AS CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS PARA A FORMAÇÃO DO CRISTIANISMO: INFLUÊNCIAS NA IGREJA DOS SÉCULOS III E IV

AFRICAN CONTRIBUTIONS TO THE FORMATION OF CHRISTIANITY: INFLUENCES ON THE CHURCH IN THE 3RD AND 4TH CENTURIES

LAS CONTRIBUCIONES AFRICANAS A LA FORMACIÓN DEL CRISTIANISMO: INFLUENCIAS EN LA IGLESIA DE LOS SIGLOS III Y IV

Milton Fábio Araújo Siqueira¹
Gisley Monteiro de Monteiro²
Maristela dos Reis Sathler Gripp³

Resumo

Este artigo analisa as contribuições africanas para a Igreja Católica nos séculos III e IV, investigando como pensadores e comunidades africanas influenciaram sua teologia, cultura e organização estrutural. O estudo contesta a visão de que o Cristianismo na África foi apenas um efeito do colonialismo, destacando o protagonismo africano na construção da tradição cristã. Essa reflexão se justifica pela necessidade de reconhecer e valorizar a relevante, mas frequentemente subestimada, participação dos povos africanos na consolidação e expansão da Igreja, especialmente no período de transição entre perseguições e institucionalização. A pesquisa utilizou a metodologia de estado da arte e a leitura analítica da obra *Histórias Eclesiásticas*, de Eusébio de Cesareia (2002), a fim de identificar convergências historiográficas e contextualizar os eventos que sustentam o argumento central. Para a análise, entre os autores elegidos, destacamos a revisão historiográfica de Thomas C. Oden (2022) e os conceitos de dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023) e epistemicídio (Santos, 2013; 2018), que permitem problematizar a marginalização histórica das contribuições africanas na formação intelectual da Igreja Católica.

Palavras-chave: contribuições africanas; cristianismo; protagonismo; epistemicídio; dispositivo de racialidade.

Abstract

This article analyzes African contributions to the Catholic Church in the 3rd and 4th centuries, investigating how African thinkers and communities influenced its theology, culture, and structural organization. The study challenges the view that Christianity in Africa was merely a result of colonialism, highlighting the African protagonism in the construction of the Christian tradition. This reflection is justified by the need to recognize and value the significant, yet often underestimated, participation of African peoples in the consolidation and expansion of the Church, especially during the transitional period between persecution and institutionalization. The research employed state-of-the-art methodology and an analytical reading of *Ecclesiastical History* by Eusebius (2002), to identify historiographical convergences and contextualize the events that support the central argument. For the analysis, among the selected authors, we highlight the historiographical review by Thomas C. Oden (2022) and the concepts of racial device (Carneiro, 2023) and epistemicide (Santos, 2013; 2018), which allow for a critical examination of the historical marginalization of African contributions to the intellectual formation of the Catholic Church.

Keywords: African contributions; Christianity; protagonism; epistemicide; racial device.

Resumen

Este artículo analiza las contribuciones africanas a la Iglesia Católica en los siglos III y IV, investigando cómo pensadores y comunidades africanas influyeron en su teología, cultura y organización estructural. El estudio

¹ Licenciado em História pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER. Pesquisador. E-mail: miltonsiqueira409@gmail.com

² Mestra em Educação Social. Professora do Centro Universitário Internacional – UNINTER. Coautora. E-mail: gisley.m@uninter.com

³ Pós-doutora em Estudos linguísticos. Professora do Centro Universitário Internacional – UNINTER. Coautora. E-mail: maristela.g@uninter.com

cuestiona la visión de que el cristianismo en África fue solo un efecto del colonialismo, destacando el protagonismo africano en la construcción de la tradición cristiana. Esta reflexión se justifica por la necesidad de reconocer y valorar la participación relevante, aunque frecuentemente subestimada, de los pueblos africanos en la consolidación y expansión de la Iglesia, especialmente en el período de transición entre las persecuciones y la institucionalización. La investigación utilizó la metodología del estado del arte y la lectura analítica de la obra *Historia Eclesiástica* de Eusebio (2002), con el fin de identificar convergencias historiográficas y contextualizar los eventos que sustentan el argumento central. Para el análisis, entre los autores seleccionados, destacamos la revisión historiográfica de Thomas C. Oden (2022) y los conceptos de dispositivo de racialidad (Carneiro, 2023) y epistemicidio (Santos, 2013; 2018), que permiten problematizar la marginación histórica de las contribuciones africanas en la formación intelectual de la Iglesia Católica.

Palabras clave: contribuciones africanas; cristianismo; protagonismo; epistemicidio; dispositivo de racialidad.

1 Introdução

O Cristianismo na África é um tema que revela as raízes profundas e o protagonismo dos povos africanos na construção da fé cristã. O estudo da presença do Cristianismo no continente africano, desde o século I d.C até o século IV d.C, nos leva a questionar como a tradição cristã foi se desenvolvendo de forma simultânea à expansão na Europa e como essa fé foi incorporada à identidade cultural africana, ao contrário da visão eurocêntrica de que o Cristianismo seria um produto do colonialismo. Este artigo busca resgatar e evidenciar a contribuição teológica, cultural e estrutural dos povos africanos para a Igreja Católica por via da metodologia de estado da arte e a leitura analítica da obra *Histórias Eclesiásticas*, de Eusébio de Cesareia (2002).

A problemática central que será investigada é: como o povo africano contribuiu para o desenvolvimento teológico e cultural da Igreja Católica no século IV e como podemos construir uma nova mentalidade que reconheça o Cristianismo como parte do protagonismo africano e não como resultado do colonialismo. A partir dessa questão, o estudo propõe discutir o papel do Cristianismo em África, mostrando como ele é parte integral da história e cultura daquele continente.

O objetivo geral deste trabalho é destacar a contribuição dos povos de ascendência africana na construção e expansão da Igreja Católica. Especificamente, pretende-se reconhecer a relevância intelectual desses povos e desconstruir a visão eurocêntrica que associa o Cristianismo africano apenas à colonização. Para alcançar esses objetivos, foi utilizada uma abordagem metodológica de levantamento bibliográfico, reunindo diferentes autores que, apesar de suas perspectivas distintas, apontam dados históricos em que é possível criar um diálogo dentro de cada contexto apresentado.

Dentre os autores fundamentais para a análise, destaca-se Thomas C. Oden (2022), que oferece uma nova visão sobre o Cristianismo em África, apresentando revisão historiográfica, e é nessa mesma linha de revisão que trabalhamos no tema, apontando inicialmente o contexto de chegada do Cristianismo na África, do século I d.C até o século IV d.C, traçando um diálogo

de contexto entre a África e a Europa, pois a expansão do Cristianismo na Europa e na África aconteceu de forma simultânea.

Autores como Eusébio de Cesareia (2002), Daniel Rops (1988) e G. Mokhtar (1980) também forneceram base para a análise histórica. Segundo Sueli Carneiro (2023, p. 86), os saberes africanos foram historicamente deslegitimados, sendo assim, como consequência dessa negação de intelectualidade, foram ocultados pela historiografia europeia. Sobre a negação dos saberes, os escritores e pesquisadores O'Connor e Reid (2003) destacam que:

Porque os europeus afirmavam entender o mundo, eles podiam reivindicar o mundo'. No entanto, [...], não havia um único ponto de vista europeu dominante, e também houve um significativo desenvolvimento africano do discurso, embora contribuições que fossem mais frequentemente ignoradas pelos europeus. Além disso, não havia uma simples dicotomia europeu-africana, mas havia tradições europeias e africanas que de forma alguma necessariamente se relacionavam com noções unitárias convencionais de opressor e oprimido (O'Connor; Reid, 2003, p. 6).

A citação de O'Connor e Reid (2003) evidencia a complexidade das relações históricas entre Europa e África, ao rejeitar dicotomias simplistas entre opressor e oprimido e ao ressaltar tanto o pluralismo dos discursos europeus quanto o apagamento sistemático das contribuições africanas. Esse apagamento pode ser compreendido à luz do conceito de dispositivo de racialidade, de Sueli Carneiro, que aponta para o conjunto de práticas e discursos que estruturam hierarquias raciais e legitimam a subalternização do negro. Nesse sentido, a reivindicação europeia de um suposto entendimento universal do mundo opera como mecanismo central desse dispositivo, silenciando saberes africanos e naturalizando a hegemonia europeia. O reconhecimento das múltiplas tradições e discursos, porém, desestabiliza tais estruturas, evidenciando a necessidade de repensar as narrativas históricas a partir de uma perspectiva que confronte a lógica racializada da exclusão epistêmica.

2 A chegada do cristianismo na Europa e na África

A chegada do Cristianismo, tanto na Europa quanto na África, acontece no mesmo século, desmistificando e desconstruindo toda historiografia eurocêntrica que aponta o Cristianismo na África somente após as colonizações. O Cristianismo chega na Europa no século I d.C e os responsáveis por esse início foram os seguidores de Cristo, Pedro e Paulo. Acredita-se que o apóstolo Pedro tenha chegado a Roma entre os anos 50 e 60 d.C. e que Paulo tenha chegado entre os anos 60 e 70 d.C.

Desde seu início, alegando ter sido ministrada pelos apóstolos Pedro e Paulo, essa igreja na capital do império ganhou o respeito e a admiração de todos os cristãos. Assim que uma igreja criou raízes na capital, ela naturalmente assumiu a liderança das questões cristãs, tal como acontece com grandes igrejas em áreas metropolitanas na atualidade (Shelley, 2018, p. 56).

Buscando compreender como o Cristianismo iniciou nos territórios da África, Eusébio de Cesareia (2002, p. 42) descreve a chegada de Marcos no Egito onde fundou Igrejas e uma delas foi em Alexandria no início do século I d.C., com registros de comunidades cristãs estabelecidas na África do Norte, em regiões que hoje correspondem ao Egito, Líbia, Tunísia e Argélia. De acordo com Oden (2023, p. 146), aponta-se na tradição cristã que Marcos, o mesmo que escreveu o primeiro evangelho do novo testamento, chegou na região de Alexandria por volta do ano 43 d.C. e que, segundo Eusébio de Cesareia (2002, p. 42), esse mesmo Marcos, foi o primeiro a evangelizar o Egito, onde pregou o Evangelho que havia escrito. Para Mokhtar (1980, p. 217), o surgimento da fé cristã chegou em África, especificamente no Egito, e se desenvolveu como que em um intercâmbio religioso do Egito com o restante das civilizações desse período.

Eusébio de Cesareia (2002, p. 141) já detalha o desenvolvimento do Cristianismo em terras africanas ao mencionar a importância de Alexandria como um centro de ensino cristão e destaca a figura de Panteno, um filósofo convertido ao Cristianismo que se tornou o primeiro líder da famosa Escola Catequética de Alexandria. Segundo Mokhtar (1980, p. 219), a escola desempenhou um papel crucial na formação da teologia cristã, sendo responsável por educar figuras influentes como Clemente de Alexandria e Orígenes, que posteriormente moldariam o pensamento cristão não apenas em África, mas em todo o mundo cristão.

A Igreja Copta, como é conhecida hoje, descende diretamente dessa tradição alexandrina, destaca-se como a Igreja que desenvolveu uma identidade única, traduzindo os escritos do Grego para a língua Copta, marcando, assim, uma teologia e liturgia com a rica herança cultural e intelectual do Egito (Branco, 2015, p. 65).

Nós temos as cartas de Paulo para mostrar quão rapidamente esse movimento foi para o norte, mas não temos uma tradição literária correspondente estabelecida para mostrar quão rapidamente ele foi para o sul, até olharmos de perto as tradições de Marcos, Apolo e Simão de Cirene, bem como para a Etiópia e para a história do martírio. O que permanece claro, é que a evidência arqueológica e textual relacionada à tradição marcana tem sido amplamente ignorada pelo historicismo europeu moderno, exceto onde serviu aos interesses e especulações da crítica da forma europeia (Oden, 2022, p. 115-116). Fazendo uma análise sobre essa “ignorância europeia”, podemos citar aqui o que Boaventura de Sousa Santos categoriza como epistemicídio:

O novo paradigma considera o epistemicídio como um dos grandes crimes contra a humanidade. Para além do sofrimento e da devastação indizíveis que produziu nos povos, nos grupos e nas práticas sociais que foram por ele alvejados, significou um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento (Santos, 2013, p. 343).

A ausência de reconhecimento das tradições marcana, etíope e de outras contribuições de matrizes africanas ao cristianismo, reflete não apenas um silenciamento cultural, mas um processo ativo de exclusão epistêmica, que empobrece o próprio horizonte do saber humano. Ao negligenciar a diversidade das fontes e tradições, o paradigma eurocêntrico reforça uma hierarquia que perpetua a colonialidade do saber e restringe as possibilidades de reinterpretação e pluralização das narrativas históricas. Essa análise evidencia que a luta contra o epistemicídio não é apenas uma demanda por justiça histórica, mas uma condição fundamental para o enriquecimento e democratização do conhecimento global.

2.1 As perseguições na linha do tempo

Para entender melhor o período do século IV, é necessário compreender o contexto que construiu esse caminho de chegada do Cristianismo, seja na Europa, seja na África. De acordo com Shelley (2018, p. 68-69), no século I, dentro desse período até o ano 64 d.C., o imperador da época era Nero, que emplacou uma grande perseguição aos Cristãos, depois de culpá-los como incendiários de Roma. Poder-se-ia detalhar mais perseguições e outras observações desse período, mas como esse não é o objetivo do artigo, vamos nos ater à chegada e ao tempo que se passou até o século IV. Nesse sentido, focaremos em alguns acontecimentos que relatam a sincronia do Cristianismo na África e Europa. O Império Romano se estendia até a região africana, por isso destacamos as perseguições desse período.

No século II, como aponta Eusébio de Cesareia (2002, p. 94-106), temos um período moderado nas perseguições com os Imperadores Trajano e Adriano, mas Rops (1988, p. 180) afirma que as perseguições foram intensificadas novamente com Marco Aurélio (161-180 d.C.). Eusébio de Cesareia (2002, p. 159) narra, no século III, a historiografia do Imperador Sétimo Severo (193-211 d.C.) e como ele dá continuidade às perseguições contra a igreja, de forma específica no Egito e no norte de África.

De acordo com Rops (1988, p. 156), entre os mártires desse período, destacam-se Perpétua e Felicidade, duas jovens mulheres martirizadas em Cartago. Para Rops (1988, p. 356 e 362), o imperador Décio iniciou uma das perseguições mais abrangentes contra os cristãos no século III, em 250 d.C., e, em uma dessas perseguições, o africano Orígenes foi torturado. Ainda no século III, entre os anos de 253-260 d.C., Valeriano intensifica ainda mais as perseguições,

sendo implacável e emitindo um édito mais severo (Rops, 1988, p. 373-374). Entre os mártires, está Cipriano, o Bispo de Cartago, na África. Com Diocleciano (284-305 d.C.) finalizamos o Século III e iniciamos o Século IV.

Rops (1988, p. 391-393) afirma que Diocleciano ficou conhecido pela perseguição mais sistemática e hostil, que tinha como intenção a erradicação total dos cristãos. A fé dos mártires, que preferiam morrer a renunciar a Cristo, tornou-se um poderoso símbolo de resistência espiritual. No Norte da África, a memória desses mártires, como Cipriano e a jovem mártir Perpétua, foi preservada e celebrada, alimentando o crescimento e a coesão da comunidade cristã. As perseguições tiveram o efeito oposto: fortaleceram a identidade cristã e consolidaram comunidades ao redor dos mártires, cuja memória era reverenciada.

3 A expansão do Cristianismo

Após os três primeiros séculos de perseguição, o Cristianismo começa a se expandir cada vez mais e se consolidar. No século IV, o Imperador Constantino se torna o imperador do Grande Império Romano e se converte, assim favorecendo a consolidação da religião cristã na Europa e na África.

Durante o século IV, o Império Romano passou por uma série de mudanças políticas fundamentais que moldaram o futuro da Europa. No início do século, o Império Romano estava sob o governo do imperador Diocleciano, que implementou uma série de reformas administrativas e militares conhecidas como a Tetrarquia. Essa divisão do império em quatro regiões (duas Augústo e duas Césares) visava melhorar a administração e a defesa do vasto território romano, mas também criou divisões internas que, eventualmente, enfraqueceram a coesão imperial.

Com a morte de Diocleciano em 305, a Tetrarquia entrou em crise, levando a uma série de conflitos entre os sucessores e pretendentes ao trono. Essa luta pelo poder culminou na ascensão de Constantino, que se tornou imperador em 312, após a vitória na Batalha da Ponte Mílvia. Constantino, que seria uma figura central no século IV, promoveu a reunificação do Império Romano e introduziu reformas significativas.

Em 313, Constantino e Licínio emitiram o Édito de Milão, que concedeu liberdade religiosa aos cristãos e legalizou a prática do Cristianismo em todo o império. Esse ato não apenas encerrou a perseguição, mas também marcou o início do patrocínio imperial do Cristianismo. Uma das realizações mais notáveis de Constantino foi a fundação de uma nova capital, Constantinopla (atualmente Istanbul), em 330.

Constantino desempenhou um papel fundamental no estabelecimento do Cristianismo como religião predominante no império. Em 325, ele convocou o Concílio de Niceia, que foi um marco na definição da ortodoxia cristã. O concílio abordou questões teológicas, como a natureza da Trindade e a relação entre o Pai e o Filho, estabelecendo o Credo Niceno que se tornou uma base fundamental para a doutrina cristã. É necessário lembrar que estou abordando o contexto cristão na Europa, porque o Cristianismo Europeu e Africano estão imbricados. O contexto de expansão do cristianismo na Europa e na África acontece no mesmo período.

Após a morte de Galério, uma luta pelo poder imperial irrompeu. Na primavera do ano de 312, Constantino, filho de Constâncio Cloro, cruzou os Alpes procurando expulsar da Itália seu rival, Massêncio, e tentando capturar Roma, o que foi uma iniciativa ousada. Quando encontrou o inimigo militarmente superior na ponte Mílvio, bem à frente das muralhas de Roma, ele recebeu auxílio do Deus dos cristãos e, em um sonho, viu uma cruz no céu e as palavras: “Por este sinal, conquiste”. Isso o convenceu a avançar e, em 28 de outubro de 312, ao obter sua brilhante vitória sobre as tropas de Massêncio, Constantino considerou seu sucesso uma prova do poder de Cristo e da superioridade da religião cristã (Shelley, 2018, p. 141).

No norte da África, durante o domínio romano de Constantino, o cristianismo se espalhou rapidamente. Cidades como Cartago, na atual Tunísia, tornaram-se centros das atividades cristãs. Os cristãos norte-africanos desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da teologia cristã primitiva. No entanto, a disseminação do cristianismo na África do Norte não foi um processo linear. A adoção do cristianismo como a religião oficial do Império Romano no século IV, sob o imperador Constantino, facilitou a expansão e a institucionalização da fé cristã no norte da África.

Durante os primeiros séculos da era cristã, o Norte da África, particularmente a região da atual Tunísia, tornou-se um dos focos de difusão do Cristianismo. Cartago, uma das principais cidades do Império Romano, emergiu como um importante centro cristão. Mokhtar (1980, p. 506) relata a presença de uma comunidade cristã muito forte em Cartago já no final do século II, com bispos que desempenhavam papéis significativos nos concílios e debates teológicos da Igreja primitiva.

Enquanto o Cristianismo florescia no Norte da África e no Egito, as missões para o sul, em direção à África subsaariana, começaram a se intensificar. A Etiópia, em particular, tornou-se um centro significativo de Cristianismo na África Oriental.

A tradição etíope mantém que o Cristianismo chegou à região durante o reinado de Ezana, no século IV, quando São Frumêncio, um missionário sírio, converteu o rei ao Cristianismo. Essa conversão real marcou o início da Igreja Etíope, que desenvolveu uma

tradição cristã distinta, fortemente influenciada pelo Cristianismo copta e outras tradições orientais.

O patriarca não queria enviar alguém que desconhecesse a língua e os costumes do lugar, e assim consagrou Frumêncio bispo de Axum. De volta à Etiópia, coube a Frumêncio a honra de batizar o rei e toda a família real. Foi, portanto, a partir dessa data que o cristianismo se propagou em Axum. O primeiro rei cristão, educado e depois batizado pelo bispo Frumêncio, parece ter sido Ezana, filho de Elle Ameda. Tudo indica que o exemplo do rei e da família real foi amplamente seguido (Mokhtar, 1980, p. 409)

Após a conversão de Ezana ao cristianismo, Mokhtar (1980, p. 409-410) afirma que o Reino de Axum experimentou uma transformação cultural significativa. Ezana começou a emitir moedas com símbolos cristãos, incluindo a cruz, substituindo os símbolos pagãos que anteriormente adornavam a moeda axumita. Esse foi um dos primeiros exemplos na história de um estado africano emitindo moedas com símbolos cristãos, marcando Axum como um dos primeiros reinos cristãos do mundo. O Reino de Axum, localizado na atual Etiópia e Eritreia, foi um dos primeiros estados africanos a adotar o cristianismo, desempenhando um papel significativo na história religiosa e cultural da África. O processo de cristianização de Axum aconteceu em um contexto de interações políticas, econômicas e culturais entre Axum, o Império Romano e o Oriente Próximo.

Axum era um poderoso reino localizado no Corno de África, com uma capital que se tornou um dos principais centros comerciais e culturais da antiguidade. O reino prosperou entre os séculos I e VII d.C., exercendo influência sobre vastas áreas da África Oriental, da Península Arábica e, até mesmo, de partes do Mediterrâneo. Axum controlava importantes rotas comerciais, conectando o Mar Vermelho e o Mediterrâneo com a Índia e o Oriente. Essa posição estratégica fez de Axum um ponto de encontro de culturas, religiões e mercadorias, onde as ideias religiosas eram trocadas junto com especiarias e outros bens valiosos. O contato frequente com o Império Romano, o Oriente Próximo e as populações judaicas e cristãs que viviam em suas fronteiras, facilitou a chegada e a aceitação do cristianismo no reino. Axum não apenas adotou o cristianismo, mas também contribuiu para o desenvolvimento teológico e cultural da fé na região.

O cristianismo axumita, com suas características distintas, influenciou outras comunidades cristãs na Etiópia e na Eritreia, ajudando a formar a tradição cristã copta etíope. A adoção do cristianismo por Axum teve profundas implicações para a identidade cultural e religiosa da Etiópia e da África Oriental, deixando um legado. Axum não foi apenas um receptor

do cristianismo, mas também um contribuinte ativo para o desenvolvimento da fé cristã na África e além.

Os Reinos da Núbia, ao sul do Egito, na região que compreende partes do Sudão moderno, estavam os reinos da Núbia. No século IV, a Núbia estava dividida em três reinos principais: Nobatia, Makuria e Alodia. Esses reinos também foram influenciados pela expansão do Cristianismo. Makuria, em particular, se tornou um centro importante para a propagação do Cristianismo na região, com a construção de igrejas e a adoção de práticas cristãs. De acordo com Mokhtar (1980, p. 329), o cristianismo chegou nessa região devido às rotas comerciais do Nilo, principalmente partindo da região da Alexandria, e pelas fugas dos cristãos devido às perseguições. A Núbia também serviu como uma ponte cultural e comercial entre o Egito e o interior da África.

4 As contribuições africanas

A África, particularmente o Norte da África, desempenhou um papel fundamental na formação do pensamento cristão nos primeiros séculos. O continente foi o berço de algumas das figuras teológicas mais influentes da Igreja Católica, cujas contribuições intelectuais ajudaram a moldar doutrinas, práticas e a estrutura organizacional da Igreja. Desde os primeiros mártires e teólogos até os grandes mestres da exegese bíblica, os pensadores africanos deixaram um legado profundo que ressoa até os tempos atuais. Um dos maiores legados, foi a Escola Catequética de Alexandria. De acordo com Mokhtar (1980, p. 219), a escola Catequética de Alexandria foi uma das instituições mais influentes na história do Cristianismo primitivo, desempenhando um papel crucial na formação teológica e filosófica da Igreja. Fundada possivelmente no final do século II, a escola foi pioneira na integração do pensamento cristão com a filosofia helenística, oferecendo uma base sólida para a educação teológica e se tornando um centro de excelência intelectual no mundo antigo. A Escola de Alexandria, foi fundada pelo Bispo Panteno, o primeiro líder conhecido da escola, um filósofo convertido ao Cristianismo.

A escola, sendo fundada em Alexandria, uma cidade conhecida por sua rica vida intelectual e por ser um centro de estudos judaicos e helenísticos, ofereceu um terreno fértil para o desenvolvimento de uma escola que buscava reconciliar a fé cristã com a razão.

A escola revelou grandes nomes intelectuais, dentre eles está um dos mais notáveis teólogos da África do Norte, segundo Shelley (2018, p. 59), Tertuliano (150-220 d.C.), considerado um dos pais da teologia latina. Tertuliano, que viveu em Cartago, foi um defensor ardente da fé cristã e contribuiu significativamente para a formulação de doutrinas como a

Trindade. Seu trabalho influenciou profundamente o desenvolvimento do Cristianismo no Ocidente. Além dele, Cipriano de Cartago (210-258 d.C.), de acordo com Rops (2018, p. 335-377), era outro líder cristão africano, conhecido por sua obra sobre a unidade da Igreja e sua defesa da ortodoxia em tempos de perseguição.

Orígenes (185-258 d.C.), que de acordo com Shelley (2018, p. 129-131) nasceu em Alexandria, teve as suas contribuições para a exegese bíblica e a teologia sistemática profundamente enraizadas na tradição africana. Ele foi um dos maiores estudiosos da Escola Catequética de Alexandria. Para Mokhtar (1980, p. 220), Atanásio (293-373 d.C.) foi um dos principais defensores da ortodoxia nicena e uma figura central na controvérsia ariana, que dominou o cenário teológico do século IV. Como bispo de Alexandria, ele lutou incansavelmente para defender a plena divindade de Cristo. Continuando a lista, temos o Agostinho (354-430 d.C.), segundo Oden (2022, p. 164-165) nascido em Tagaste (na atual Argélia), uma das figuras mais influentes não só da Igreja africana, mas de toda a história do Cristianismo. Suas contribuições abrangem a teologia da graça, a doutrina do pecado original e a filosofia da história.

Nos primeiros quatro séculos, a África do Norte foi um centro teológico e intelectual que desempenhou um papel crucial na formação da Igreja Católica. Com as contribuições de figuras como Tertuliano, Cipriano, Orígenes, Atanásio e Agostinho, a África forneceu à Igreja não apenas líderes espirituais, mas também fundamentos doutrinários que continuariam a guiar o Cristianismo por séculos. As contribuições intelectuais africanas ajudaram a moldar a identidade do Cristianismo ocidental.

Sendo parte das contribuições intelectuais na formação doutrinária, os concílios regionais africanos, como o de Cartago, desempenharam um papel fundamental na resolução de questões teológicas e disciplinares que surgiam no seio da Igreja. Esses encontros ajudaram a moldar a ortodoxia cristã em um período crucial, quando a Igreja ainda definia suas crenças centrais e suas estruturas institucionais (Rops, 1988, p. 263).

O monasticismo foi mais uma das contribuições, teve suas raízes na África, especialmente no Egito, e exerceu uma influência duradoura na espiritualidade cristã em todo o mundo. Shelley (2018, p. 173) descreve o surgimento do monasticismo no deserto egípcio como uma nova forma de vida cristã que enfatizava a ascese e a busca pela perfeição espiritual.

Podem-se distinguir diferentes fases na história desse movimento conhecido como monasticismo. Seu primeiro representante ilustre foi Paulo de Tebas (234-347), um eremita que, com seu discípulo Antônio (251-356), organizou um grupo de anacoretas. O último, mas não menos importante, foi Pacômio (276-349), que, com agudo senso prático, imaginou grupos a dividirem tarefas e responsabilidades, sujeitos

a um código de disciplina comum e vivendo numa comunidade altamente desenvolvida “koinobia” (Mokhtar, 1988, p. 218).

São Antônio, considerado o pai do monasticismo, retirou-se para o deserto por volta do ano 270, onde viveu uma vida de solidão, oração e ascetismo rigoroso. Sua vida e ensinamentos atraíram muitos seguidores, estabelecendo as bases para o que se tornaria uma tradição monástica robusta. A vida monástica, que começou como um movimento individual, rapidamente se tornou uma parte integral da Igreja, com monges e monastérios desempenhando papéis importantes tanto espiritualmente quanto socialmente.

O impacto do monasticismo na formação da identidade cristã africana foi muito forte. O monasticismo não era apenas uma busca individual pela santidade, mas também um meio de resistência cultural e espiritual contra as influências externas e as heresias. Os monges do deserto eram vistos como guardiões da fé, cujas vidas exemplares inspiravam tanto leigos quanto clérigos. O legado africano para a Igreja Católica é incontestável, causou impacto profundo na Igreja e no mundo.

5 Metodologia

A pesquisa bibliográfica foi predominantemente utilizada para a escrita deste trabalho. A escolha pela pesquisa bibliográfica se justifica pela natureza do tema, que demanda uma análise aprofundada dos contextos históricos, culturais e religiosos da chegada do Cristianismo em diferentes regiões geográficas.

O estudo exploratório visou investigar as origens e as primeiras expansões do Cristianismo, enquanto a pesquisa descritiva busca apresentar, de forma detalhada, como esse processo ocorreu na Europa e na África, destacando as particularidades de cada continente. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando fontes secundárias e primárias. Foram consultados livros e artigos acadêmicos que ofereceram novas perspectivas e revisões sobre o tema.

Tais obras foram: *Quão africano é o cristianismo*, de Thomas C. Oden (2022); *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia (2002); *História Geral da África Volume II*, de Mokhtar (1980); *História do cristianismo*, de Bruce Shelley (2018); *A Igreja dos Apóstolos e Mártires*, de Daniel Rops (1988); *Do Reino de Axum ao Reino de Etiópia (Século I D.C. ao XVII): A Força e o isolamento do Cristianismo na África do Norte e Nordeste*, doutorado de Alberto Manuel Vara Branco (2015); *Egito Antigo na África*, O'Connor e Reid (2003).

Para a análise e reflexão sobre o objetivo do artigo, elegemos Sueli Carneiro (2023), para tratarmos dos dispositivos de racialidade, e Boaventura de Sousa Santos (2013; 2018), com o conceito de epistemicídio. A seleção de cada obra e dos teóricos teve como critério a relevância acadêmica e a credibilidade dos autores.

6 Da margem ao centro: a herança africana e a reconstrução do sagrado

Thomas C. Oden (2022), em *Quão Africano é o Cristianismo?*, oferece uma reflexão muito importante sobre as raízes africanas do Cristianismo. Oden (2022) argumenta que o Cristianismo na África não é uma importação colonial, mas uma tradição profundamente enraizada no continente desde os primeiros séculos da Era Comum. Essa obra serve como um ponto de partida para entender a complexa interação entre cultura africana e fé cristã, desconstruindo a narrativa eurocêntrica que muitas vezes predomina nos estudos sobre a história do Cristianismo.

A História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia (2002) é uma fonte primária indispensável para a compreensão da propagação do Cristianismo nos primeiros séculos, tanto na Europa quanto na África. Eusébio de Cesareia, considerado o “Pai da História da Igreja”, documenta o desenvolvimento do Cristianismo desde os tempos apostólicos até o início do século IV.

A História Geral da África Volume II, editada por G. Mokhtar (1980), é uma obra monumental que fornece uma visão abrangente da história africana, com capítulos dedicados à chegada do Cristianismo no continente. Esse livro é essencial para compreender o desenvolvimento do Cristianismo na África, especialmente no Norte e no Nordeste, áreas que foram profundamente influenciadas pelo contato com o mundo greco-romano e mais tarde pelo império Bizantino.

Bruce Shelley (2018), em *História do Cristianismo*, oferece uma narrativa acessível e abrangente da evolução do Cristianismo desde suas origens. Com os encaixes dos contextos, fornece um pano de fundo histórico mais amplo, que inclui tanto a Europa quanto a África. Daniel Rops (1988), em *A Igreja dos Apóstolos e Mártires*, oferece uma visão detalhada da Igreja primitiva, enfatizando o papel dos mártires na propagação do Cristianismo. Esse livro é essencial para entender o impacto da perseguição sobre a Igreja, tanto na Europa quanto na África.

A tese de doutorado *Do Reino de Axum ao Reino de Etiópia (Século I D.C. ao XVII): A Força e o isolamento do Cristianismo na África do Norte e Nordeste*, de Alberto Manuel Vara Branco (2015), oferece uma análise aprofundada da história do Cristianismo na Etiópia. Branco

explora como o Cristianismo se enraizou no Reino de Axum e como ele sobreviveu e floresceu. David O'Connor e Andrew Reid (2003), em *Egito Antigo na África*, criticam a visão eurocêntrica predominantemente na historiografia tradicional, que busca minimizar as contribuições africanas.

A revisão bibliográfica desta pesquisa demonstra a riqueza e diversidade de perspectivas sobre a chegada e expansão do Cristianismo na Europa e na África. Com a análise das obras desses autores foi possível construir uma narrativa coesa que reflete a complexidade e profundidade do Cristianismo em diferentes contextos históricos e culturais no continente africano.

A chegada do Cristianismo à Europa e à África, quase simultaneamente, no primeiro século, oferece uma perspectiva que desafia as interpretações eurocêntricas tradicionais da história do Cristianismo. A narrativa histórica que geralmente coloca a cristianização da África como um fenômeno tardio, vinculado ao colonialismo, é amplamente desmistificada quando se observa o papel central que o continente africano desempenhou nos primeiros séculos da era cristã. Conforme liamos e conhecíamos os percursos históricos pelas lentes de Oden (2022), Eusébio de Cesareia (2002), Mokhtar (1980), Shelley (2018), Rops (1988), Branco (2015) e O'Connor e Reid (2003), compreendíamos o quanto o dispositivo de racialidade convenceu as sociedades de que o colonialismo implementou o cristianismo no continente africano. Não poderia ser diferente, já que isso foi aceito por muito tempo. Quando Sueli Carneiro (2023) afirma que:

[...] a existência de um dispositivo de racialidade operando na sociedade [...] de tal modo que, pela articulação de múltiplos elementos, configura a racialidade como um domínio que produz poderes, saberes e subjetividades pela negação e interdição de poderes, saberes e subjetividades. Pode-se dizer que o dispositivo de racialidade instaura, no limite, uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras. Ou, dito de outro modo, a superioridade do Eu hegemônico, branco, é conquistada pela contraposição com o Outro, negro (Carneiro, 2023, p. 11).

A partir de uma perspectiva interseccional, Carneiro (2023) contribui com o conceito de dispositivo de racialidade nessa análise, porque evidencia como o racismo estrutura as relações sociais, históricas, políticas e culturais. Inspirada em Michel Foucault, Carneiro demonstra que o racismo não opera apenas como ideologia, mas como um mecanismo que organiza o poder, delimitando quem pode acessar direitos e determinar saberes. Esse dispositivo naturaliza a hierarquia racial e condiciona os lugares ocupados por sujeitos negros na sociedade, em especial nos espaços de conhecimento e tecnologias, garantindo a reprodução das desigualdades raciais. Assim, a autora amplia a compreensão dos processos de exclusão ao revelar como o racismo se materializa nessas estruturas.

O Cristianismo na Europa, trazido pelos apóstolos Pedro e Paulo, e na África, introduzido por Marcos e outros missionários, não apenas marcou o início de uma nova era religiosa, mas também teve profundas implicações culturais e políticas. Na Europa, a disseminação do Cristianismo acompanhou e, em muitos casos, moldou as transformações do Império Romano. A conversão de Constantino e sequencialmente Édito de Milão, em 313 d.C., foram momentos decisivos que pavimentaram o caminho para o Cristianismo se tornar a religião oficial do Império. Todavia, as contribuições da cultura e dos saberes africanos foram ocultadas no processo histórico.

Perceba que no continente africano o Cristianismo não era apenas um reflexo das mudanças que ocorriam no Mediterrâneo, mas também uma força transformadora, como evidenciamos em Shelley (2018) e Branco (2015). A África do Norte, com centros cristãos como Alexandria e Cartago, tornou-se um dos corações pulsantes do pensamento cristão. Figuras como Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano e Agostinho não apenas contribuíram para o desenvolvimento da teologia cristã, mas também ajudaram a definir as bases doutrinárias e filosóficas da Igreja Católica.

Esses equívocos e ocultamentos desmedidos tem um nome para Boaventura de Sousa Santos (2018), *epistemicídio*. Tal conceito denuncia o apagamento sistemático de saberes não ocidentais promovido pelo colonialismo. Em *O Fim do Império Cognitivo: A Afirmação das Epistemologias do Sul* (2018), o autor argumenta que a ciência eurocêntrica se impôs como única forma legítima de conhecimento, desqualificando e marginalizando epistemologias outras. Esse processo, além de intelectual, é também político e social, pois sustenta a exclusão de povos e culturas inteiras, perpetuando desigualdades históricas.

As epistemologias do Sul pretendem mostrar que aquilo que são os critérios dominantes do conhecimento válido na modernidade ocidental, ao não reconhecerem como válidos outros tipos de conhecimento para além daqueles que são produzidos pela ciência moderna, deu origem a um epistemicídio massivo, ou seja, à destruição de uma imensa variedade de saberes que prevalecem sobretudo no outro lado da linha abissal – nas sociedades e sociabilidades coloniais. Tal destruição desarmou essas sociedades, tornando-as incapazes de representar o mundo como seu e nos seus próprios termos, e, assim, incapazes de considerar o mundo como susceptível de ser mudado por via do seu próprio poder e no sentido de prosseguir os seus próprios objectivos (Santos, 2018, p. 31-32).

Esse apagamento das contribuições africanas para o cristianismo é exatamente o que Carneiro e Santos evidenciam com seus conceitos, já que ao apagarem as evidências culturais afro do cristianismo, exaltam a religião como unicamente europeia. É importante acrescentarmos que o impacto do Cristianismo na África não se limitou ao norte do continente. O Reino de Axum,

na Etiópia, adotou oficialmente o Cristianismo no século IV, tornando-se um dos primeiros reinos africanos a fazê-lo. Sob o reinado de Ezana, Axum tornou-se um centro de cristianismo que não apenas influenciou o resto da África Oriental, mas também manteve interações significativas com o mundo mediterrâneo. A Núbia entrou na rota da cristianização de forma sutil, os cristãos fugidos de Alexandria acabavam levando o cristianismo para essa região.

As perseguições que ocorreram tanto na Europa quanto na África durante os três primeiros séculos da era cristã, ao invés de erradicar o Cristianismo, acabaram fortalecendo a fé dos cristãos e consolidando suas comunidades. A memória dos mártires, como Perpétua, Felicidade e Cipriano, em Cartago, e a resistência espiritual mostrada por esses primeiros cristãos, tornaram-se símbolos poderosos de fé e coesão comunitária.

Além disso, a institucionalização do Cristianismo, tanto na Europa quanto na África, teve um impacto duradouro. Na Europa, a Igreja Católica emergiu como uma força política e espiritual dominante, moldando o curso da história europeia por séculos. Na África, a Igreja Copta e a Igreja Etíope desenvolveram tradições teológicas e litúrgicas únicas, que preservaram a herança cristã no continente.

As contribuições africanas para a teologia e a doutrina cristã são inegáveis. A Escola Catequética de Alexandria, ao sintetizar o pensamento cristão com o helenístico, lançou as bases para a teologia sistemática e a exegese bíblica. Tertuliano, ao formular o conceito da Trindade; Cipriano, ao defender a unidade da Igreja; e Agostinho, com sua teologia da graça e do pecado original, exemplificam como o pensamento africano moldou os fundamentos do cristianismo ocidental. Apesar disso, tais contribuições foram historicamente negligenciadas — um apagamento que se explica por processos de racialização, colonialismo e epistemicídio. Para compreender essa exclusão, recorreremos às formulações de Boaventura de Sousa Santos e Sueli Carneiro.

Enquanto Santos denuncia o epistemicídio como mecanismo de silenciamento das epistemologias não eurocentradas, Carneiro revela como a racialização do saber opera na manutenção de hierarquias cognitivas. A articulação entre os conceitos de epistemicídio e dispositivo de racialidade permite compreender como o conhecimento e a identidade são produzidos e regulados em uma sociedade forjada por estruturas coloniais. Nesse sentido, ambos os referenciais fornecem uma base crítica para analisar os obstáculos estruturais à equidade na produção e circulação do saber — impedimentos que não apenas invisibilizam a centralidade africana na formação do cristianismo, como também restringem as possibilidades de uma partilha plural e justa do conhecimento. Reconhecer que o cristianismo carrega em suas origens a marca da ancestralidade africana não é apenas um gesto de reparação histórica, mas

um deslocamento necessário na forma como se compreende a construção da fé, da autoridade teológica e da produção de sentido no Ocidente cristão.

O monasticismo, que emergiu no Egito, também teve um impacto profundo na espiritualidade cristã. O movimento monástico, iniciado por figuras como Santo Antônio, não só influenciou a vida espiritual no Egito e na África, mas também se espalhou por todo o mundo cristão, contribuindo para a formação de uma identidade cristã global.

Portanto, a chegada do Cristianismo na Europa e na África foi um processo complexo e multifacetado, que teve implicações profundas e duradouras para a história do Cristianismo e para a história mundial. O Cristianismo na África, longe de ser uma mera extensão da cristianização europeia, desenvolveu-se de maneira autônoma e influente, contribuindo de forma significativa para o legado espiritual, teológico e cultural da Igreja católica.

7 Considerações finais

Ao concluir este estudo, é preciso afirmar com veemência: a história do cristianismo, tal como tem sido contada, está incompleta. Ignorar o papel central que África desempenhou na conformação dos pilares teológicos, filosóficos e espirituais do cristianismo é perpetuar o epistemicídio que sustenta o racismo religioso e a hegemonia eurocentrada na produção do saber. A herança cristã africana não pode mais ser tratada como nota de rodapé, nem como curiosidade exótica. Este trabalho se insere na luta por uma reescrita radical da história cristã — uma reescrita que confronte os silêncios impostos, reivindique a centralidade negra e africana na tradição cristã e contribua para a construção de um campo teológico comprometido com a justiça histórica, a dignidade dos povos racializados e a descolonização das epistemologias religiosas.

Este diálogo, no entanto, está longe de ter um fim. Precisamos insistir, com persistência e radicalidade, para que as vozes do Sul global — especialmente aquelas que Boaventura de Sousa Santos (2018) denominou de vozes abissais⁴, não apenas ocupem os espaços de escuta, mas ressoem com força e legitimidade nos centros de produção de saber. É nesse esforço

⁴ A sociologia das ausências é a cartografia da linha abissal. Identifica as formas e os meios pelos quais a linha abissal produz a não existência, a invisibilidade radical e a irrelevância. O colonialismo histórico foi o estirador central onde se desenhou a linha abissal, onde as exclusões não abissais (as que acontecem no lado metropolitano da linha) se tornaram visíveis, enquanto as exclusões abissais (as que acontecem no lado colonial da linha) foram escondidas. Hoje, a sociologia das ausências é a pesquisa sobre os modos como o colonialismo, sob a forma de colonialismo de poder, de conhecimento e de ser, funciona em conjunto com o capitalismo e o patriarcado a fim de produzir exclusões abissais, ou seja, a fim de tornar certos grupos de pessoas e formas de vida social não existentes, invisíveis, radicalmente inferiores ou radicalmente perigosos, em suma, descartáveis ou ameaçadores (Santos, 2018. p. 57-58).

coletivo de escuta, denúncia e reconstrução que se forja uma teologia verdadeiramente plural, enraizada na memória, na ancestralidade e na luta dos povos historicamente silenciados.

Referências

BRANCO, A. M. V. Do Reino de Axum ao Reino da Etiópia (Século I D.C. ao século XVII): A Força e o Isolamento do Cristianismo na África do Norte e Nordeste. **Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health**, v. 48, p. 63-74, 2015. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8095/5699>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: ação e acontecimento**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

MOKHTAR, G. **História Geral da África: África Antiga**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 1980.

O'CONNOR, D.; REID, A. **Egito Antigo na África**. Londres: UCL Press, 2003.

ODEN, T. C. **Quanto Africano é o Cristianismo?** São Paulo: Quitanda, 2022.

ROPS, D. **A Igreja dos Apóstolos e Mártires**. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 1988.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9. ed. Coimbra: Almedina, 2013.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2018.

SHELLEY, B. L. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

Data de submissão: 25 de abril de 2025

Data de aceite: 27 de maio de 2025